

ARTIGO

RESENHA

GUTIERREZ, GUSTAVO LUIS. ALIANÇAS E GRUPOS DE REFERÊNCIA NA PROMOÇÃO DO CONHECIMENTO: NOVOS DESAFIOS PARA A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS. CAMPINAS-SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2005.

Marco Antonio Bettine de Almeida

REPORT

ALLIANCE AND REFERENCE GROUPS IN THE KNOWLEDGE PROMOTION: NEW CHALLENGES TO THE HUMAN SCIENCES RESEARCH

Marco Antonio Bettine de Almeida

Os indivíduos se inserem no campo científico, muitas vezes, por uma visão ingênua ou romântica da ciência e não percebem a complexidade das lutas políticas, econômicas e pessoais aí presentes. Muitas são as críticas aos cientistas que desenvolvem novas pesquisas utilizadas com intuito bélico; para fortalecer a exploração do trabalho ou para valorizar características de um grupo étnico. Exemplos destes casos são: a teoria da fissão nuclear, alotrópicos que mantêm o trabalhador desperto e o mapeamento genético.

A ingenuidade ou romantismo, neste livro, é descartado. Pode até haver, no imaginário coletivo, a idéia do cientista como aquele sujeito nobre, que pesquisa para o bem da humanidade, numa posição até altruísta. Todavia o Prof. Dr. Gustavo Luis Gutierrez apresenta uma visão visceral da academia, recuperando as críticas de pesquisadores como Thomas Kuhn e Paul Feyerabend, que apontam a existência de articulações de grupos de poder na ciência e o afastamento de uma ciência verdadeira para uma de organização estratégica e auto-referenciada.

No livro “Alianças e grupos de referência na produção de conhecimento” o autor desenvolve os conceitos referentes à crise de paradigmas das ciências humanas, defendendo que a crise é parte do processo de formação de elites na ciência. Aponta o autor que a ciência se forma através de influências de grupos no poder financiando a pesquisa para a manutenção do status quo. O livro não é pessimista e não pretende redefinir a sociedade contemporânea como fazem os pós-modernos. Adota uma visão racionalista, pautada em Weber, mostrando uma sociedade que vive em função de interesses materiais e simbólicos para a formação das elites; destacando a racionalidade do agente individual da ação social; adotando um distanciamento relativo com a relação ao objeto da pesquisa; e deixando a questão da eventual síntese revolucionária futura para uma pesquisa empírica posterior.

Para Gutierrez a produção científica define-se por sua complexidade, enxergando a sociedade na qual a ciência está integrada composta por diversas elites que dispõem de um acesso privilegiado aos bens materiais e simbólicos, produzidos coletivamente, durante longos períodos de tempo. O autor vê as pessoas estabelecendo alianças e identificando grupos de referencia no intuito de integrar uma destas elites. A construção científica nas ciências humanas privilegia (a) os grupos de afinidades e auto-referencia; (b) agressividade e auto-confiança; (c) sofisticação da argumentação; (d) clareza relativa. Estes são alguns dos argumentos que delineiam a tese fundamental do livro, a formação de elites no campo científico e a crise da ciência em função dos critérios contemporâneos de formação desta elite.

Habermas e Lasswell são os autores em que Gutierrez se pauta para descrever as elites, o primeiro enquanto processo de formação de consenso através da linguagem e o segundo como estruturação revolucionária fundamentada no mérito. Para entender esta formação o autor sintetiza a passagem da sociedade nobliárquica pré-capitalista para a meritocrática capitalista. Estas idéias de mobilidade social e formação de grupos no sistema capitalista são estruturadas a partir de Weber, a novidade que o livro traz é a junção desta discussão com a formação de escolas de pensamento e grupo de referência, e a postura da ciência frente este panorama. Apesar de avançar, diz Gutierrez, a sociedade capitalista tornou-se um espaço bastante delimitado no liberalismo representativo, que de um lado inova em relação às propostas mais antigas, sejam de natureza tradicional ou carismática, e de outro deve limitar a participação direta e as propostas autogestionárias. Este pensamento está presente em todo o texto, os limites na formação das elites e o afastamento do processo revolucionário capitalista historicamente contrário a uma sociedade fundamentada no direito de nascença.

Na produção científica vamos encontrar o mesmo processo, a produção do conhecimento via ocorrer em contextos determinados pela formação de elites. A taxonomia empregada pelo autor é de normatividade apropriada, definida pela incorporação parcial dos conhecimentos científicos para a utilização ideológica, isto é, os discursos teóricos transformam-se em práticas políticas, costumes aceitos e manifestações culturais dentro de uma dinâmica própria. Exemplo disso é Adam Smith que teve sua teoria apropriada pelo capitalismo. Marx apropriado pelo socialismo. Nietzsche pelo nazismo. O super-homem do nazi-fascismo, o revolucionário litúrgico/burocrático do socialismo real e o empreendedor visionário do capitalismo são os modelos de normatividade apropriada das ciências humanas. Gutierrez vai além desta simples apropriação, defendendo que, no limite, todo cientista quer que seu discurso seja utilizado pela sociedade, criticando a crença de que o pesquisador ao escrever sua tese faz ciência e ao escrever no jornal divulga a ciência. Para o autor, o cientista está fazendo política ao escrever a tese e continua fazendo o mesmo ao escrever a coluna do jornal.

Neste momento do livro o autor integra a visão do cientista da natureza ao das humanas. Porque os cientistas destes segmentos produzem ciência para determinados grupos econômicos, caso da genética para a ciência natural, ou para fortalecer sistemas de governo em que estes grupos se inserem, como foi o caso do nazismo. Não existe ingenuidade ou altruísmo em qualquer campo da ciência, se por um lado a ciência exata produz a bomba atômica, é a partir também das contribuições das ciências humanas que se legitimam os grupos que estão no poder para utilizá-la.

Outro ponto instigante do texto é a idéia de associar um perfil psicológico do pesquisador com a sua inserção numa escola de pensamento das ciências humanas, deixando mais claro qual normatividade apropriada e, por conseqüência, qual grupo este novato integrará. O tipo psicológico, portanto, é uma porta de entrada para as diferentes elites, existindo uma relação entre a subjetividade do pesquisador e a escola de pensamento adotada. Isto é denominado pelo autor como perfil político genético, onde uma visão de mundo é determinante para a incorporação num grupo específico. Ao se inserir dentro deste grupo o jovem pesquisador mapeará a sua elite de referência. Depois deste processo o cientista ocupará cargos em virtude da sua inserção numa rede de interesses. Foi-se aí a idéia de uma sociedade meritocrática e o capitalismo assume contornos feudais, é a “sociedade dos amigos”, a troca de favores que ocorre secretamente, ou pelo menos discretamente.

O desenvolvimento atual da sociedade impõe a generalização de um tipo de comportamento que inviabiliza qualquer tentativa de acesso às elites que não seja através da troca de favores e articulação de alianças em que a dimensão ética é esvaziada. Este é o processo do maçom mutante, definido pela ampliação das sociedades secretas a partir do capitalismo, esta mutação é exemplificada pelo policial que dá uma carteirada; o político que incorpora sobras de campanha; o médico que prescreve procedimentos lucrativos; o professor que loteia vagas na pós-graduação; o jornalista que faz matérias compradas ou persegue pessoas por puro prazer.

É neste cenário que Gutierrez defende sua tese fundamental: o problema da ciência hoje não é a falta de meta-relatos, discussões profundas ou mesmo a invasão da política nas ciências humanas, isto, o autor deixa claro, é intrínseco à área de conhecimento científico através da normatividade apropriada. Para Gutierrez a crise de paradigmas é, na verdade, uma crise na formação das elites, em que ocorreu o triunfo do maçom mutante incorporado ao paradoxo do desonesto, numa simbiose perversa onde as atuais “sociedades secretas” desvencilharam-se dos antigos conceitos éticos do maçom original, passando a existir de maneira performática.

Marco Antonio Bettine de Almeida
Faculdade de Educação Física/UNICAMP